

**ALICE:
SIGNIFICADOS OCULTOS E SIMBOLISMOS
NA OBRA DE LEWIS CARROLL**

Domingas Monteiro de Sousa (UFT)
domonts@gmail.com

Haleks Marques Silva (UFT)
halekshms@hotmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@mail.uft.edu.br

RESUMO

Trata-se de uma análise crítica acerca de alguns significados “ocultos” e simbolismos na obra literária clássica de Lewis Carroll, “*Alice no País das Maravilhas*”, a qual mostra que, até mesmo no mundo da fantasia, é possível localizar subsídios para fazer pensar. Objetiva desvendar o reino mágico de Alice e encontrar, na narrativa, significados com aparência apenas de um conto literário para crianças, porém constituídos de outras expressões e sentidos emblemáticos. Focou-se também no duelo entre a personagem Alice, em seus pensamentos, com as memórias do que acredita ser de fato unicamente um sonho. Utilizou-se da obra para analisar o confronto interno, diversos valores e atitudes que se desenvolveram dentro da história a fim de localizar dentro de si as virtudes. Pode-se afirmar, portanto, que, em se tratando da obra, Alice precisa encontrar em si mesma a heroína que já está legitimada pelo meio social no qual está inserida.

Palavras-chave: Lewis Carroll. Fantasia. Imaginário.

1. Introdução

Alice ficou terrivelmente espantada. A observação do chapeleiro lhe parecia não fazer nenhum tipo de sentido, embora, sem dúvida, os dois estivessem falando a mesma língua. (Lewis Carroll)

Alice no País das Maravilhas é um clássico visto por milhões de pessoas entre crianças e adultos. Carregada de símbolos, a obra traz sentidos que passam despercebidos por muitos leitores de contos de fadas e de personagens infantis. Na história, animais falantes e mundos de fantasia permitem ao público viajar por lugares imaginários; porém, Alice

marca uma diferença no panorama literário por meio da sua espontaneidade, por meio de seus paradoxos e através de uma lisura ímpar e alegórica.

O protagonismo de Alice é fascinante porque, ao contrário de outros protagonistas de histórias infantis, mostra-se sempre obstinada, casmurra e imperfeita; provavelmente, por ter sido moldada numa criança real. Sabe-se que a literatura para crianças e jovens é importante não só para o crescimento intelectual, como para ampliar a criatividade e a imaginação. É nesse sentido que se buscou mostrar, por meio da obra *Alice no País das Maravilhas*, o quanto ela pode subsidiar a formação da identidade, estimulando a criatividade, a imaginação, e, inclusive, o aperfeiçoamento do pensamento lógico.

Além disso, é bem verdade que a obra de Lewis Carroll tem sido interpretada de várias maneiras inusitadas, tais como as que seguem: uma filosofia codificada e esotérica do amor místico; uma mediação e redescoberta da juventude; uma obra sobre o domínio do tédio e do desejo. De qualquer modo, a publicação de Lewis Carroll é certamente apreciada como um quebra-cabeça rizomático e filosófico. Sendo assim, “as palavras de Lewis deveriam ser lidas por sábios e filósofos grisalhos... a fim de estudarem os problemas mais obscuros da metafísica, os limites entre a razão e o absurdo e as forças espirituais mais erráticas que dançam entre si” (IRWIN, 2010, p. 165).

Nesse sentido, dentro do cosmos imaginado e criado por Lewis Carroll, percebemos esse mundo onírico, que o próprio autor chama de “conto-sonho”. Ele trabalha com uma nova interpretação da realidade, ele mostra como certos elementos não racionais – até então ignorados – proporcionam essa visão nova. Por essas razões que, na abertura de uma de suas obras, Giles Deleuze indica a seguinte razão, como motivo para o sucesso da obra de Lewis Carroll:

A obra de Lewis Carroll tem tudo para agradar ao leitor atual: livros para crianças, de preferência para meninas; palavras esplêndidas, insólitas, esotéricas; crivos, códigos e decodificações; desenhos e fotos; um conteúdo psicanalítico profundo, um formalismo lógico e linguístico exemplar. (DELEUZE, 2009, I)

A obra de Lewis Carroll é permeada por fantasia e sonho, desafiando a lógica e convidando os leitores ao universo infantil. Assim, pode ser lida como pura fantasia para crianças; por outro lado, a questão lógica, perpassa por caminhos ilógicos, ou paradoxais. Na realidade, o jogo de linguagem é uma das características principais ao longo dos diálogos

presentes no livro, em que ele demonstra como certos aspectos são na verdade ficções em que acreditamos, pois a linguagem em si possibilita outras interpretações. Será justamente esse vir-a-ser no *nonsense* que trará o fascínio pela obra e a admiração de Deleuze para estabelecer uma teoria do sentido; tema esse que não nos convém desenvolvê-lo nesta reflexão, apenas faremos algumas deiscências por meio de seu pensamento.

Nessa perspectiva, podemos notar que o *nonsense* de Lewis Carroll empurra os limites do sentido e ainda mantém um ponto de referência paradoxalmente estável, ou seja, a própria Alice. De fato, ela não é perfeita. Por exemplo, ela não percebe que seu modo de falar sobre seu bichano preocuparia o rato, e atrai à consciência de classe em seus pensamentos sobre se ela pode ser Mabel.

Eu tenho certeza de que não sou Mabel, pois eu sei todo tipo de coisas ela, ah, ela sabe bem pouquinho mesmo! (...) Eu devo ser Mabel mesmo, e eu vou ter de ir morar naquela casinha apertada, e não ter quase nenhum brinquedo com que brincar, e oh! (...) Não, minha decisão está tomada; se sou Mabel vou ficar aqui! (CARROLL, 2009, p. 26-27)

Mas por toda a sua aventura, Alice permanece curiosa, sensível e sã, não obstante às suas perdas de sentido: “Receio não poder me explicar”, ela afirma. É ela quem expõe o *nonsense* de Lewis Carroll. Certamente tem de permanecer sã e educada, e até sensível; caso contrário, ela e nós não seríamos capazes de apreciar o *nonsense* e seguir Alice pela toca do coelho com tranquilidade. Ao nadar pelo lago de lágrimas, podemos perceber, por exemplo, que Alice tem uma conversa muito sensível nadando com um rato, que não parece entendê-la em um primeiro momento:

“Talvez ele não entenda inglês”, pensou Alice; “Ouso dizer que é um rato francês, que veio junto com William, o Conquistador” (Pois com todo o seu conhecimento de história, Alice não tinha muita noção de há quanto tempo qualquer coisa tinha acontecido). Assim, começou: “*Où est ma chatte?*”, que era a primeira frase em seu caderno de francês. O camundongo pulou fora d’água e pareceu estremeecer todo de medo. “Oh, desculpe-me!” Alice se apressou em exclamar, temendo ter magoado os sentimentos do pobre animal. “Esqueci completamente de que você não gostava de ratos. (CARROLL, 2009, p. 30-31)

De acordo com Willian Irwim (2010, p. 169), “Alice deve ser sã para nós para ser conduzida pela história, e também Lewis Carroll pode estar usando o *nonsense* para nos ensinar uma séria lição sobre o valor do próprio *nonsense* e da curiosidade, e os perigos da compaixão relacionada à tendência humana ao controle”. Isso nos faz pensar que Lewis Car-

roll usa o *nonsense* para suscitar a curiosidade tanto em Alice quanto no leitor, e agindo – por assim dizer – como um componente crítico da sanidade. Em suma, e isto é bastante curioso, gostamos do *nonsense*, dispensamos qualquer perigo real, e seguindo o que vem depois, ao invés de nos preocuparmos com os possíveis perigos mortais de uma singela menina em um mundo insano.

A obra tornou-se alvo de análise na busca de significados políticos, sociais e filosóficos e, nas suas várias interpretações, surgiram novas obras e novos estilos, mas nenhuma com tanta repercussão para pessoas adultas. O que faz acreditar que a obra, necessariamente, não seja apenas de cunho infantil.

Cada fase histórica tem uma literatura que reflete a condição do ser humano daquela época, e o período chamado vitoriano, na Inglaterra, também teve a sua, ou seja, uma literatura realística e moralista; concomitantemente, porém, nasceu o desejo de representar conteúdos diversos daqueles reais, e, justamente nesta direção, com o pseudônimo de Lewis Carroll, que Charles Lutwidge Dodgson, tímido e reservado reverendo e professor de matemática de extraordinária conduta, tipicamente vitoriana, escreveu a obra *Alice*.

Muitos são os simbolismos na obra de Lewis Carroll, vejamos alguns deles. Segundo Martin Gardner (2002, p. 25-35), *Alice no País das Maravilhas* permite duas leituras que se diferem entre o desfrutar a história, aceitar a narrativa, e procurar símbolos obscuros que a expliquem. Aqueles que optam pela primeira opção esbarram em jogos de palavras, críticas à sociedade da época, referências a temas pouco infantis, jogos de lógica e lições de relações opostas.

Contudo, aqueles que escolhem a segunda opção, encontram alguns símbolos ocultos, não habitualmente presentes em um conto infantil, que trazem alusões endógenas, várias personagens e situações, trazidas como inspiração do cotidiano de Lewis Carroll e da comunidade onde viveu. Alice foi uma personagem inspirada em Alice Liddell, filha de Liddell, amigo de Lewis Carroll. Apesar de a menina e a personagem terem o mesmo nome, elas eram muito diferentes: Alice Liddell era morena, comum e insulsa, diferentemente da Alice de Lewis Carroll, que era loira, esperta e agitada. As irmãs Liddell eram muito afeiçoadas aos dois gatos malhados da família, Dinah e Villikens.

A garrafa com o líquido que Alice toma para encolher em sua primeira mudança de tamanho era como o frasco de remédio vitoriano,

arrolhado com um rótulo de papel amarrado no gargalo. Já a chave dourada, que destrancava portas misteriosas, era um objeto comum na literatura vitoriana. Enquanto que a porta para um jardim secreto era para Lewis Carroll uma metáfora de eventos que poderiam ter acontecidos se tivesse aberto certas “portas”.

O desejo de Lewis Carroll de que Alice Liddell fosse adulta para que pudesse se casar com ele, pode estar ligado às doze mudanças de tamanho sofridas por Alice ao longo da história. Enquanto que a “corrida em comitê” pode ter pretendido simbolizar o fato de que os membros de comitês políticos comumente correm em círculos, sem chegar a lugar algum, porque ambos ambicionam um mesmo prêmio político. O dedal tomado de Alice e depois devolvido a ela como prêmio pela corrida pode representar a maneira como os governantes retiram dinheiro do bolso dos cidadãos e depois devolvem na forma de projetos políticos.

Na época de Lewis Carroll, Mary Ann configurava um eufemismo britânico para criada. O coelho Branco chama Alice assim em um momento no qual dá ordens a ela. Ele está sempre procurando por suas luvas, peças tão importantes para Lewis Carroll quanto para o Coelho, pois em todas as estações do ano o escritor sempre usava um par de luvas de algodão cinzentas ou pretas.

A Lagarta fora inspirada nos professores que davam conselhos na Universidade de Oxford, onde Lewis Carroll estudou. Ao partir o queijo na forma de gato, a tendência seria começar pela cauda até que finalmente só restasse na travessa a cabeça sorridente, o que nos remete ao episódio no qual o gato desaparece a começar pela cauda e termina com o sorriso.

A Lebre de Março se refere ao mês do cio das lebres; o Chapeleiro é louco por causa de uma substância alucinógena usada na fabricação de chapéus; o Leirão dorme muito por ser um animal que hiberna no inverno, e a Falsa Tartaruga se refere à sopa de falsa tartaruga, que na verdade é feita com carne de vitela. Na catedral, onde o pai de Lewis Carroll era reverendo, existe talhada em madeira a imagem do grifo que inspirou o Grifo, amigo da Falsa Tartaruga. O grifo é um monstro fabuloso com cabeça e asas de águia e a parte inferior do corpo de leão.

Lewis Carroll dedicava muito tempo à invenção de maneiras inusitadas de jogar jogos conhecidos, e, talvez por isso, o jogo de croqué da Rainha possuísse elementos vivos. Camomila era um mero medicamento extremamente amargo, muito usado na Inglaterra Vitoriana, e era extraí-

da da planta de mesmo nome; por isso, Alice afirma que a camomila torna as pessoas amargas.

Além disso, não é à toa que Alice se impõe à Duquesa:

"Pensando de novo?" perguntou a Duquesa, com nova fincada do seu queixinho pontudo. "Tenho todo o direito de pensar", Alice respondeu bruscamente pois estava começando a ficar um pouco preocupada. "Tanto direito", disse a Duquesa, "quanto os porcos têm de voar". (CARROLL, 2009, p. 107)

Alice contesta e revisa as morais pretensamente irrefutáveis e lógicas que arranja para toda situação. Lewis Carroll também instiga o leitor infantil e jamais o subestima a procurar construir seus próprios valores baseados na sua percepção de mundo, no confronto entre as opiniões/convicções suas e as alheias; respeitável ou irreverentemente, dependendo das circunstâncias, em suas reflexões e na melhor maneira de lidar com os obstáculos que a vida impõe. Apreende-se, portanto, que o mundo como se apresenta parece ser a mera representação daquilo que é idealizado pelo homem e que as relações humanas se dão por meio de uma linguagem diversa, variável, complexa e paradoxal:

"Concordo plenamente com você", disse a Duquesa; "e a moral disso é 'seja o que você parece ser'... ou, trocando em miúdos, 'nunca imagine que você mesma não é outra coisa senão o que poderia parecer a outros do que o que você fosse ou poderia ter sido não fosse senão o que você tivesse sido teria parecido a eles ser de outra maneira'.". (CARROLL, 2009, p. 106)

Enfim, ainda um questionamento latente e "oculto" nos perpassa analisando essa obra de Lewis Carroll. É uma literatura para crianças ou adultos? Não se trata de uma fábula, nem romance ou conto épico-mítico: trata-se apenas de uma narrativa fantástica, escrita em seu tempo, e com todos os elementos possíveis para causar espanto e comoção. A resposta à nossa pergunta não vem de imediato, pois, a princípio, o livro é comumente considerado para as crianças. Todavia, com o crescente número de estudos críticos sobre os escritos de Lewis Carroll, as opiniões estão mudando.

Alice no País das Maravilhas e *Alice Através do Espelho* não são apenas livros para crianças, mas livros que fazem com que o leitor volte a ser criança. Isso nos faz acreditar que sejam livros para os adultos, uma vez que as crianças – pelo fato de estarem atentas aos sons e cores do mundo, ainda não conseguem se concentrar sobre conteúdos complexos da linguagem e do sentido lógico; já os adultos, ao contrário, extremamente lógicos, às vezes, e voltados aos rigores da linguagem, perderam no meio do caminho o fascínio pelos sons das palavras e das tocas dos

coelhos.

Esperamos, então, que as *Alices* sejam de fato lidas e experimentadas, pois não basta apenas interpretar ou compreender alguns de seus sentidos, mas experimentá-los todos, os que o autor vislumbrou e outros, que, porventura, ainda estejam por saborear.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Cinema II: A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. *Lógica do sentido*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GARDNER, Martin. *Alice*: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

IRWIN, William. *Alice no país das maravilhas e a filosofia: cada vez mais e mais curioso*. São Paulo: Madras, 2010.